

ELABORAÇÃO DE ARTIGO CIENTÍFICO: ORIENTAÇÃO BÁSICA

OSCAR VIEIRA DA SILVA

Professor da Academia de Polícia Militar e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo: *Dentro dos limites que se propôs, o Autor dá informações fundamentais sobre o que é um artigo científico, sobre sua estrutura e sua linguagem. Fornece, também, indicações básicas sobre a apresentação formal do artigo científico, com vistas a publicação em periódico.*

1 INTRODUÇÃO

Nos nossos dias, tendo em vista principalmente as grandes conquistas da tecnologia e as facilidades de comunicação, a pesquisa científica é feita e divulgada em escala muito maior do que em passado recente. Tal fato tende a se ampliar ainda mais agora, quando se notam certas tendências para a desmitificação do sentido da palavra "pesquisa", frequentemente considerada como uma espécie de trabalho de exclusiva competência de certas mentes que, de tão privilegiadas, parecem pertencer mais à ficção científica do que ao mundo em que vivemos.³

Evidentemente existem pesquisas, desenvolvidas em centros especializados e em grandes universidades, que requerem um tipo de preparo intelectual superior e recursos materiais de alta sofisticação. São as que resultam em alentadas e inovadoras teses e dissertações, publicadas em livros ou em periódicos altamente especializados. Ao lado delas, porém, existem outras pesquisas mais simples, mas frequentemente nem por isso menos importantes, que podem apresentar seus resultados por intermédio de artigos científicos. É exatamente sobre esse tipo de artigo que versa o presente trabalho.

Antes de entrar no nosso tema propriamente dito, lembraríamos que, hoje, há inúmeras publicações sobre a metodologia científica, sobre a investigação científica e os trabalhos resultantes. A Biblioteca Capitão Wálter Vieira da Cunha, da Academia de Polícia Militar (APM), conta em seu acervo com inúmeras e valiosas obras sobre o assunto. Tam-

bém *O Alferes* já publicou pelo menos dois trabalhos relacionados ao tema: "Elementos para o planejamento da Pesquisa", de Antônio Luiz Macedo Costa⁶ e "Elaboração de trabalho escrito: uma orientação", de Oscar Vieira da Silva^{1 0}.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O que é um artigo científico

A palavra "artigo" deriva mediatamente do verbo latino *articulare*, que significa "unir pelas articulações", "juntar por cadeias", "ligar", "unir" e, imediatamente, do latim *articulum* (*articulu-* > * *artigulu* > *artigoo* > *artigo*) que guarda em si, no sentido em que vamos empregá-la, o significado básico do verbo.

Em sentido amplo, a palavra "artigo" pode ser empregada para indicar um trabalho escrito de tamanho regular que se publica geralmente em periódico, como contribuição doutrinária a uma ciência, arte, etc.

Os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constitui em matéria suficientemente ampla ou profunda para ocupar o espaço de um livro, ou ainda de uma tese ou monografia, embora possam ser o embrião de qualquer deles. Regra geral, apresentam o resultado de estudos ou pesquisas e distinguem-se de outros tipos de trabalhos científicos pela sua reduzida dimensão e pelo conteúdo mais sintético. São publicados em revistas e outros periódicos, geralmente especializados, e formam a seção principal deles.⁵ Acrescente-se que, não poucas vezes, o artigo tem caráter de divulgação mais ampla, destinando-se, neste caso, a um público culto mas não necessariamente especializado.

A partir do conjunto das informações acima, podemos deduzir alguns elementos caracterizadores de um artigo científico:

a) **São pequenos e completos:** é muito difícil dizer quantas páginas deve ter um artigo científico. Parece óbvio que deve haver uma adequação entre o tema e o número de páginas, entre a pesquisa ou estudo que deu origem ao artigo e suas dimensões. Uma pesquisa exaustiva sobre um determinado assunto sem dúvida resultará num livro. Mas se seu autor pretender divulgar apenas os resultados a que chegou, ou dar uma idéia geral de seus estudos ou de suas pesquisas, ou, ainda, se pretende divulgar uma idéia ou prestar uma informação, pode fazê-lo através de um artigo. Assim, o "completo" do conceito refere-se ao próprio artigo e não ao universo que envolve. O trabalho integral, com descrições de metodologia, transcrição de quadros e tabelas e outras coisas mais, deverá ser feito por intermédio de uma dissertação, de uma mono-

grafia, de uma tese, enfim, de um livro. Por outras palavras: o artigo é completo tendo em vista aquilo que o autor pretende transmitir, mas não necessariamente completo no sentido de ser exaustivo.

b) **Tratam de questões verdadeiramente científicas:** aqui é preciso considerar a dificultosa questão do conceito de ciência e de conhecimento científico, campo em que se encontram mais discordâncias do que convergências. Pode-se dizer que o artigo científico, além de se caracterizar por seu tamanho, caracteriza-se também pela *"natureza do próprio objeto abordado, assim como em função de exigências específicas de cada área do saber humano."** Em lugar, porém, de conceituar ou de citar algum dos conceitos existentes, vamo-nos valer de exemplo dado por MEIRELES E ESPÍRITO SANTO⁷, no artigo "Teoria introdutória à Policiologia":**

"O nosso tempo, fértil em crises, rico em transformações aceleradas, exige que não sejamos apenas autoridades de polícia, mas também autoridades em polícia. Ou seja, o profissional de segurança pública, até então executor de uma atividade cujos fundamentos científicos e doutrinários vinham de fora ou não vinham de lugar algum, deve agora assumir o papel de cientista de polícia, de policiólogo. Propõe-se-lhe conhecer a atividade que exerce e sistematizar esses conhecimentos. As razões mais profundas do poder de polícia, a essência da instituição policial, particularmente, a militar, o que faz, por quê, para quê, quem e como faz, devem ser objeto de cuidadosa análise" (g.n.)

Mais adiante acrescentam os mesmos autores:

"A Epistemologia estabelece quatro requisitos para que determinado fenômeno seja aceito como objeto de ciência:

- Positividade: não existe ciência do irreal, do quimérico, daquilo que não se manifesta ou não se encontra na ordem concreta. Positivo é todo objeto perceptível, que vigora de fato ou tem realidade efetiva.*
- Generalidade: não existe ciência do particular, do único ou do individual.*
- Especificidade: o objeto deve possuir uma realidade própria e não pode se confundir com nenhum outro fenômeno natural ou cultural. Esta realidade própria permite uma abordagem*

*Antônio Joaquim Severino, *Metodologia do trabalho científico*, p. 187

**O Alferes, n. 18, p. 15

também própria, que se traduz no chamado objeto formal, que é a nota distintiva das ciências entre si.

- *Cognoscibilidade: o objeto deve ser susceptível de análise, verificação, experimentação e quaisquer outras operações cognitivas.*"*

Depois de lembrarem que a polícia satisfaz a todos esses requisitos, dão, respectivamente, o nome da ciência, seu objeto material e seu objeto formal, a saber: Policiologia, Homem, Mecanismo de proteção, socorro e recondução da sociedade.

Deduz-se, pois, que um texto de tamanho regular que verse sobre Policiologia, observe as características indicadas pelos autores citados e seja resultado de estudo ou de pesquisa será um artigo científico. Por outro lado, um texto de tamanho regular que enfoque a Polícia sob um ângulo subjetivo, traduzindo uma visão pessoal da Corporação, poderá ser, por exemplo, um artigo literário, possivelmente uma crônica, mas não um artigo científico.

c) **Não se constituem em matéria de um livro:** o artigo científico, por ser curto, não deve abordar assuntos de grande fôlego, que somente podem ser esgotados num trabalho grande, um livro, uma tese ou até mesmo uma monografia. Pode ser objeto de um artigo, por exemplo, a utilização de um determinado tipo de arma numa ação policial determinada e limitada; será objeto de um livro ou de uma monografia, por exemplo, a ação policial numa situação hipotética de seqüestro com tomada de reféns.

d) **Apresentam resultado de estudos ou pesquisas:** no sentido mais amplo das palavras "estudo" e "pesquisa", e tendo em vista o fato de terem sido feitos para ser comunicados por intermédio de um artigo, há que se considerar os dois termos como sinônimos. Nesse sentido também é que se deve desmitificar a palavra "pesquisa": quem estuda — como se deve estudar — pesquisa; e quem pesquisa — como se deve pesquisar — estuda.

Finalmente, deve haver adequação entre aquilo que se estuda ou se pesquisa e o veículo utilizado para expor o resultado. Um estudo ou pesquisa em profundidade sobre a Polícia Militar de Minas nas revoluções brasileiras a partir de 1930, por exemplo, não pode ser exposto num artigo, talvez nem mesmo numa monografia. Ao contrário, por exemplo, um estudo, ainda que em profundidade, sobre a tática utilizada pela PM para sitiar o 12^o Batalhão do Exército na Revolução de 1932 pode ser dado a público por intermédio de um artigo. Podem

*O Alferes, n. 18, p. 25

também ser objeto de um artigo as táticas de prevenção em relação ao tráfico de drogas nas escolas de 1º grau de Belo Horizonte; mas se se tratar de uma pesquisa ou de um estudo em profundidade sobre a repressão ao tráfico no Estado, o resultado deve ser objeto de trabalho mais alentado.

e) **Publicados em revistas e outros periódicos, geralmente especializados:** também neste ponto diferem dos artigos publicados em jornais (a não ser em suas seções especializadas) ou em revistas de vulgarização científica ou de informação generalizada. Aqui, no entanto, cabe uma observação: não poucas vezes os artigos têm caráter de informação e se destinam a um público leitor culto, mas não necessariamente especializado.

2.2 A linguagem do artigo científico

Sendo escrito o artigo, descarte-se desde logo a utilização de qualquer recurso ou de qualquer das "facilidades" admissíveis na língua oral. Há de se utilizar, pois, a língua escrita e o que isso significa, ou seja, a observância estrita das regras gramaticais da chamada "língua culta".

Os lingüistas, regra geral, atribuem à linguagem diversas funções. Trata-se de questão até certo ponto controversa, tendo em vista tendência em se considerar cada função como uma entidade estanque. Na verdade, embora cada uma apresente características específicas, existe alguma imbricação entre elas. O que se admite, sem sombra de dúvida, é o fato de, numa dada mensagem, uma ou outra função ser dominante.^{1 1} A linguagem do artigo científico, tomando-se como base as funções definidas por VANOYE (1983), enquadrar-se-ia na função que denomina **referencial**, também chamada **denotativa** e que está centrada sobre o referente, ou seja, o objeto real ao qual remete o signo numa instância de enunciação. A linguagem científica seria, pois, denotativa, isto é, restringe-se à designação do objeto ao qual remete a palavra. O conceito oposto é o de **conotação** que designa tudo que um termo pode evocar ou sugerir, de forma clara ou vagamente. "*O sentido denotado de um termo é, em linhas gerais, aquele dado nos dicionários. O sentido conotado varia de pessoa para pessoa, de época para época, etc.*" É evidente que, em certas circunstâncias, a ambigüidade existirá, mas será desfeita pelo contexto. É o caso em que o significante, "folha", por exemplo, pode referir-se a mais de um significado. Ou, por exemplo, a palavra "cultura", com sentidos diferentes se usada num contexto de caráter antropológico, de biologia, popular.⁶

Entende-se que a linguagem científica há de ser marcadamente denotativa, ou seja, de sentido unívoco, não admitindo mais de uma interpretação. Também é indispensável evitar a possibilidade de se "ler" nas entrelinhas, ou seja, colocar o leitor na posição de querer "interpre-

tar" o texto e poder pensar que quando o autor diz alguma coisa, pode estar, também, querendo dizer outra.

Decorrente pelo menos em parte dessas observações está a clareza do texto, qualidade apontada como primordial na linguagem científica. Cuidando-se em evitar conotação, cuide-se também em evitar a sintaxe ambígua: há de ser a lógica, estritamente gramatical.

CLÁUDIO MOURA CASTRO dedica à questão um capítulo, sintomaticamente intitulado "A linguagem científica: mais precisão e menos riqueza"*. Chama a atenção para o fato de que a linguagem científica, ao lado de ser poderosa arma ou instrumento de trabalho, é também "o mais notório refúgio para aqueles que na obscuridade querem disfarçar sua ignorância ou sua má fé." Por outras palavras: a linguagem científica, por ser precisa, não tem de ser hermética. Muito embora o articulista não possa descuidar-se da precisão terminológica, deve ser, o mais possível, simples ao escrever, considerando-se que o contexto concorre para a precisão. Diz, por exemplo, o autor citado:

"Em economia, palavras como "poupança" e "investimento" adquirem um sentido muito mais limitado do que aquele comumente atribuído a elas. A palavra "trabalho" tem um significado muito preciso em economia e, ao mesmo tempo, outro significado diferente, mas igualmente preciso, na física." **

Mas, insista-se, precisão terminológica não se confunde com hermetismo.

Termina o autor suas observações dizendo:

"A respeito do jargão técnico, cabe ainda lembrar que, a despeito de sua necessidade absoluta para o avanço da ciência, na maioria das vezes não é necessário para comunicar os resultados importantes a pessoas cultas mas não versadas naquele ramo do conhecimento. De fato, considera-se como um teste, não só da significância do resultado, mas da verdadeira compreensão do fenômeno por parte do autor, sua capacidade de comunicar de forma simples, direta e acessível a maioria de seus resultados finais." * **

*Cláudio Moura Castro. A prática da pesquisa, p. 10

** Cláudio Moura Castro, A prática da pesquisa, p. 10

*** Id. Ibid. p. 12

Além disso, é sempre bom lembrar que um texto, para chegar pelo menos perto do ideal, deve ser lido, relido, corrigido e emendado tantas vezes quantas forem necessárias. Ninguém deve se iludir, acreditando que a tarefa de escrever é fácil. Ao contrário, é difícil, trabalhosa, cansativa e não existe texto que saia pronto e acabado na primeira redação, não se esquecendo o articulista de recorrer ao dicionário e à gramática, inseparáveis de quem escreve.

Ao lado da clareza, e ligadas a ela, estão a precisão e a objetividade. A palavra denotativa é, por si, precisa e objetiva, mas é lógico que o vocabulário não é tudo. Além da escolha do termo próprio, é importante que o articulista atente também para os seguintes pontos:

a) **Impessoalidade:** o autor deve ser impessoal, evitando expressões como "meu trabalho", "meu artigo", etc. Usem-se expressões como "este trabalho", "o presente artigo", etc. No mesmo sentido, evitem-se expressões que denotam subjetividade ou opinião ("parece ser", "acredito que", etc.). O autor deve estar certo do que faz e do que diz, a não ser quando apenas levanta hipóteses, a serem posteriormente confirmadas ou não. CERVO e BERVIAM² lembram que a objetividade pode ser conseguida, também, através de informações precisas, que não deixem dúvidas sobre o que se pretende expressar, nem permitam que o leitor veja conotações. Dão um exemplo singelo, mas expressivo: em lugar de dizer, por exemplo: "*a sala era grande e espaçosa*" diga-se "*a sala media 12 m de comprimento por 8 de largura.*"

b) **As frases devem ser de preferência curtas, escritas com simplicidade e precisão:** evitem-se, pois, as frases desnecessariamente longas, quase sempre utilizadas para manifestar erudição inútil ou desnecessária no texto. Não interessa ao leitor, pelo menos em tese, a erudição do articulista. Se for necessário, poderá verificar isso de outra forma. O que lhe interessa é o artigo e o que ele tem a transmitir, dentro do assunto abordado.

c) **Paragrafação:** especial cuidado devem merecer os parágrafos que, obviamente, não se confundem com as frases. A paragrafação expressa as etapas do raciocínio: conseqüentemente, seu tamanho e complexidade estão ligados ao raciocínio desenvolvido.⁹

d) **Pontuação do texto:** os sinais de pontuação não podem ser usados aleatoriamente. Uma vírgula ou um ponto-e-vírgula mal colocados podem truncar totalmente uma frase ou mesmo mudar completamente seu significado, tornando a "decifração" do texto um penoso e desnecessário exercício de exegese. Quando o autor tiver dúvida, leia a frase em voz alta. Quase sempre a pontuação está intimamente ligada à respiração e às pausas da língua falada. O recurso mais seguro, no en-

tanto, é a consulta à gramática e às normas do emprego dos sinais de pontuação.

2.3 A estrutura do artigo científico

É de bom alvitre que, antes de redigir seu trabalho, o articulista faça um plano ou roteiro. Deve relacionar os tópicos do trabalho utilizando-se, por exemplo, de numeração progressiva, estabelecendo-se seções primárias (1, 2, 5), secundárias (1.1, 1.6, 1.10) terciárias (1.1.2, 1.6.4, 1.10.2) e assim por diante, de preferência no máximo até seções quinárias. Se necessário, as subseções podem ser subdivididas em alíneas ou incisos. Esse plano ou roteiro será uma espécie de guia para o autor, mas nunca uma camisa de força. Desnecessário, pois, dizer que poderá ser alterado, suprimindo-se ou acrescentando-se seções ou subseções, dependendo do desenvolvimento que o autor pretende dar ao texto, da maior ou menor importância de cada seção ou, ainda, da subdivisão que dará a cada tópico. Evidentemente, se o artigo aborda um único assunto, as seções não devem ser estanques, mas articuladas (*articulare*), de forma a se constituir num todo, em que as partes se imbriquem e se interrelacionem, encaixando-se uma na outra como as peças de um quebra-cabeça.

Os autores são praticamente unânimes ao dizer que um artigo bem redigido divide-se em três partes:

a) **Introdução:** não obstante ser a primeira parte do trabalho, deve ser redigida em último lugar, de forma definitiva. É a apresentação do trabalho, e por isso deve receber especial cuidado. Uma introdução mal feita ou que não introduza o tema de forma clara e objetiva pode desanimar o leitor e afastá-lo da leitura do artigo.

Além disso, há de ser curta, apresentando de forma objetiva e clara o tema que será desenvolvido. É óbvio que, em se tratando de um artigo, o autor não terá elementos para descer a detalhes: apresenta o tema, suas implicações e os limites que o autor se impõe.

b) **Desenvolvimento:** é o corpo do trabalho, onde se desenvolve a idéia principal, onde é analisada, entendendo-se a palavra análise em seu sentido etimológico de dividir para compreender. Obviamente é a parte mais longa do artigo, pois é onde as idéias serão apresentadas e discutidas.

c) **Conclusão:** deve ser breve e decorre lógica e naturalmente do que foi apresentado na parte anterior ou da proposta apresentada na introdução. Não se trata, bem entendido, de um resumo daquilo que foi dito no desenvolvimento, mas da conclusão do autor a partir das idéias expostas ou das propostas feitas.

Regra geral, o artigo científico assume ou a forma de descrição ou a forma de dissertação. De acordo com GALLIANO,⁴ *"Descrever é, acima de tudo, apresentar por meio de palavras um objeto, um procedimento, uma experiência e assim por diante, da maneira mais objetiva possível e mediante a exposição de seus aspectos mais característicos."*

A dissertação, mais complexa do que a descrição, é a exposição de determinado assunto com base em material recolhido durante estudos ou pesquisas, ou, ainda, a interpretação de idéias expostas e a posição final do articulista sobre o assunto. Segundo ainda GALLIANO, o imprescindível é *"que o autor se atenha aos princípios e técnicas da comunicação, sobretudo no que diz respeito à sucessão lógica dos argumentos que conduzem a uma conclusão."*

2.4 A preparação do texto

Partindo do princípio de que quem escreve quer ser lido, dificilmente alguém fará um artigo científico para satisfazer a si mesmo ou para guardá-lo em sua gaveta. Assim sendo, o autor, ao dar-lhe forma definitiva, deverá obedecer a certos princípios que regem a publicação de artigos em periódicos. São as seguintes as normas a serem observadas:

a) **Título:** deve vir em maiúsculas, grifado. Deve ser tanto quanto possível sucinto e retratar, de forma clara e objetiva, o conteúdo do artigo.

b) **Autor:** o nome do autor, em maiúsculas, deve vir logo abaixo do título. Abaixo do nome, devem vir a titulação do autor e suas credenciais, desprezando-se as menos importantes. É de bom alvitre que o autor coloque, também, seu endereço para contactos, ainda que não apareça, necessariamente, no texto publicado. O editor do texto, se for o caso, se encarregará de suprimi-lo, quando da publicação.

c) **Divisão do artigo:** além das já citadas três partes em que deve se dividir o trabalho, ou seja, introdução, desenvolvimento e conclusão, o articulista pode dividir cada uma delas em subseções, utilizando-se, para tanto, por exemplo, da numeração progressiva, à qual já se fez referência, 1, 1.1, 1.3; 2, 2.5, 2.7; 3.3.1, 3.3.7 etc. Note-se que devem ser usados algarismos arábicos na numeração das seções, consecutivamente, a partir de 1, de acordo com sua ordem de sucessão no artigo. O ponto deve ser internumérico, não se usando nenhum sinal gráfico entre o último algarismo e o início da frase. Evite-se, ainda, a subdivisão excessiva do texto, que não deve ultrapassar a quinária. Podem-se incluir alíneas numa seção ou subseção, indicadas pelas letras minúsculas do al-

fabeto e seguidas de parênteses. Precedem imediatamente a primeira palavra do texto da alínea.

As seções primárias têm sempre título. No texto datilografado, devem vir em maiúsculas e sublinhadas, indicando caixa alta negrito no texto impresso. Já as subseções podem ou não ter títulos, buscando-se a padronização; no texto datilografado, devem vir em minúsculas, com exceção da primeira letra, e sublinhados, indicando caixa baixa negrito no texto impresso.

d) **Notas:** nos artigos, as notas devem ser reduzidas ao mínimo, se não puderem ser evitadas de todo. Se o articulista utilizar-se de números para indicar referências que aparecem no fim do artigo, devem ser usados asteriscos para remissão às notas, colocados imediatamente depois da frase a que dizem respeito, acima da linha. Serão utilizados tantos asteriscos, por página, quantas forem as notas que nela aparecem.

e) **Citações:** as citações diretas devem vir entre aspas duplas. Se a citação tiver mais de três linhas, devem iniciar nova linha abaixo da terceira letra da linha superior, conservando-se até o fim da citação a mesma margem esquerda.

Citação dentro de citação deve vir entre aspas simples. Todas as citações devem vir em itálico (sublinhado no texto datilografado) e os destaques dados pelo autor citado ou pelo articulista devem vir em negrito (sublinhado duplo no texto datilografado). Caso a citação tenha mais de um parágrafo, deve-se abrir aspas no início de cada um deles, só se fechando, no entanto, no fim de toda a citação.

f) **Resumo:** o artigo deve ser precedido de um resumo e seguido de sua tradução para língua estrangeira (se inglês, **Abstract**). Trata-se de apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto, podendo ser indicativo (sumário narrativo que exclui dados qualitativos e quantitativos, não dispensando a leitura do texto) ou informativo (condensação do conteúdo que expõe finalidades, metodologia, resultados e conclusões, dispensando a leitura do texto). No caso de artigos para periódicos, o mais comum é o resumo indicativo, com vistas a fornecer elementos para que o consulente decida sobre a consulta ao texto. Deve ter até 250 palavras e ser constituído de uma seqüência coerente de frases concisas e não de uma enumeração de tópicos.

g) **Referências bibliográficas:** as referências bibliográficas devem vir de preferência no final do texto e redigidas em estrita obediência às normas próprias da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), constantes da NB 66 (NBR 6023).

3 CONCLUSÃO

O artigo científico, como se ressaltou no início do presente trabalho, é da maior importância para a divulgação de idéias ou para

apresentação de resultados de estudos ou de pesquisas menos abrangentes. O articulista, ao elaborá-lo, deve lembrar-se de que, muitas vezes, não será lido por um público altamente especializado e, conseqüentemente, deverá cuidar para que seja acessível a quantos possam se interessar pelo assunto que aborda. Deve ter sempre em mente também que o artigo deve ser claro e lógico, utilizando-se de uma linguagem acessível, sem abrir mão, no entanto, da terminologia própria.

Outro aspecto a ser considerado é o da utilidade do artigo, principalmente se se considerar que é um veículo da maior importância na divulgação de idéias.

Na elaboração de qualquer trabalho científico, deve sobressair sempre o rigor na abordagem do tema, além do domínio que o autor deve ter sobre o assunto que enfoca.

Finalmente, é pertinente lembrar também que a publicação de trabalhos é um dos critérios para avaliação acadêmica do autor que, para se manter atualizado no campo de conhecimento de seu interesse, deve estar sempre estudando, pesquisando e levando ao conhecimento de seus pares o resultado desses estudos e pesquisas.

Abstract: Elaboration of a Scientific Paper: Basic Orientation. *Within the limits of his scope, the author provides fundamental information about the nature of a scientific paper, its structure and language. He also gives directions as to the formal presentation of a scientific paper to be published in a periodical.*

Artigo recebido em 14.5.91

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 CASTRO, Cláudio de Moura. *A prática da pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill, 1977. 156 p.
- 2 CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários*. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 1983. 249 p.
- 3 DEMO, Pedro. Universidade e qualidade: indagações em torno da qualidade formal e política da formação universitária. *Educação Brasileira*. Brasília: v. 12, n. 25, julho/dezembro de 1990.
- 4 GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harbra, 1973. 200 p.

- 5 LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1983. 198 p.
- 6 MACEDO, Antônio Luiz. Elementos para o planejamento da Pesquisa. *O Alferes*, Belo Horizonte, n. 25, p. 65
- 7 MEIRELES, Amauri e ESPÍRITO SANTO, Lúcio Emílio do. Teoria introdutória à Policiologia. *O Alferes*, Belo Horizonte, nº 21, p. 75.
- 8 RUIZ, João Álvaro. *Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos*. São Paulo: Atlas, 1986. 170 p.
- 9 SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 14 ed. São Paulo: Cortez, 1986. 237 p.
- 10 SILVA, Oscar Vieira da. Elaboração de trabalho escrito: uma orientação. *O Alferes*, Belo Horizonte, n. 21, p. 75.
- 11 VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 243 p.